



O discurso no universo da Linguística: contribuições à discussão sobre a linguagem e seus domínios¹

Discourse in the universe of Linguistics: contributions to the discussion of language and its domains

 Jefferson Evaristo

Pós-doutor em Letras

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - Brasil

jeff.evaristo2@gmail.com

Resumo: Há tempos, não é mais possível dizer que os estudos discursivos sejam uma realidade desconhecida no Brasil. Se no advento da linguística, convencionalmente dito em Saussure, a articulação linguagem e sociedade era um ponto que então não receberia atenção, o presente impõe uma conclusão contrária – feito facilmente comprovável, por exemplo, através de uma pesquisa sobre “estudos discursivos” no Google Scholar ou outra ferramenta de pesquisa de artigos científicos. Simultaneamente, há ainda certa carência na realização de estudos que enfoquem apresentações, sistematizações e comentários a determinados textos/autores ou conceitos, de modo a favorecer que um possível leitor se situe no vasto campo dos estudos discursivos. Nosso texto objetiva, então, propor uma leitura das contribuições que os estudos sobre a linguagem – em perspectiva discursiva – podem oferecer à Linguística. Assim, partindo de Charaudeau e Maingueneau, apresentaremos alguns conceitos de modo a situar, em perspectiva, os estudos discursivos como parte da ciência linguística.

Palavras-chave: estudos discursivos; Charaudeau; semiolinguística do discurso; análise do discurso.

Abstract: It has long been no longer possible to say that discursive studies are an unknown reality in Brazil. If in the advent of linguistics, conventionally said in Saussure, the articulation between language and society was a point that would not receive attention then, the present imposes a contrary conclusion - made easily verifiable, for example, through a search on “discursive studies” on Google Scholar or other research tool for scientific articles. At the same time, there is still a lack of studies that focus on presentations, systematizations and comments on certain texts / authors or concepts, in order to favor a possible reader in the vast field of discursive studies. Our text aims, then, to propose a reading of the contributions that studies on language - in a discursive perspective - can offer to Linguistics. Thus, starting from Charaudeau and Maingueneau, we will present some concepts in order to situate, in perspective, discursive studies as part of linguistic science.

Keywords: discursive studies; Charaudeau; semiolinguistics of discourse; discourse analysis.

Cite como

(ABNT NBR 6023:2018)

EVARISTO, Jefferson. O discurso no universo da Linguística: contribuições à discussão sobre a linguagem e seus domínios. *Dialogia*, São Paulo, n. 49, p. 1-10, e25807, maio/ago. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/49.2024.25807>

American Psychological Association (APA)

Evaristo, J. (2024, maio/ago.). O discurso no universo da Linguística: contribuições à discussão sobre a linguagem e seus domínios. *Dialogia*, São Paulo, 49, p. 1-10, e25807. <https://doi.org/10.5585/49.2024.25807>

¹ Este estudo contou com o apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ.

1 Introdução

Em nossa exposição, discutiremos acerca de um tópico específico: qual seria, por assim dizer, o “território da linguagem”?

Dito de outra maneira, discutiremos acerca de quais seriam as suas fronteiras, os seus limites e a sua delimitação – se é que podemos falar em uma “delimitação”, uma “fronteira” e, principalmente, um “limite” para a linguagem. Para tanto, desenharemos nossa abordagem a partir de duas correntes linguísticas definidas: a semiolinguística do Discurso (Charaudeau, 2008) e a Análise do Discurso (Maingueneau, 2004; 2002) de linha francesa, assumida a partir da perspectiva de Maingueneau. Aos dois autores, somar-se-ão outros oportunamente, de maneira complementar.

A motivação de nossa proposta de discussão deu-se por compreender a importância dos “estudos discursivos”², tomados de forma mais ampla, no universo de estudos da linguística.

Nosso texto está estruturado da seguinte maneira: na primeira parte, a presente, faremos uma exposição panorâmica de como este texto está estruturado, de forma a situar o leitor em seu percurso. Na segunda, diremos algumas palavras acerca de uma possibilidade de conceituação para linguagem, ao que se seguirá uma sessão abordando a perspectiva de Charaudeau para tal fim; após, em diálogo, haverá uma exposição do tema em Maingueneau, seguida de algumas palavras finais sobre este texto.

2 Palavras iniciais para uma conceituação da linguagem

Para a semiolinguística – e aqui adotamos como fundamentação teórica principalmente as obras de Patrick Charaudeau, um dos principais nomes da área – pensar nas definições sobre a linguagem é a função própria que define o linguista. A função do linguista (do pesquisador da língua, do “explorador”) seria, portanto, a de responder a essa primeira pergunta para, a partir dela, continuar em outras observações, pesquisas e teorizações. Em outras palavras, sem entender o objeto que deve estudar, a tarefa mesma desse estudo será, no melhor dos cenários, dificultada. Importa dizer que, nesse momento, não traçamos uma diferença explícita entre a língua e a linguagem³.

Assim, o linguista, o “*explorador*” da língua (Charaudeau, 2008, p. 13), o “*sujeito analisante*” (*Ibid*, p. 15) é aquele que deve trilhar o percurso que possibilitará uma descoberta possível para a construção de seu pensamento. Aqui, cabe um destaque: não será o resultado final que importará,

² Apenas como exemplo, uma pesquisa por “Análise do discurso” no Google Scholar indica a ocorrência de 1.040.000 trabalhos disponíveis (pesquisa realizada em 28/03/2024, às 21h46).

³ Na clássica dicotomia Saussuriana, aquilo que para o autor corresponderia à “língua” não será o principal ponto de interesse para Charaudeau. Este está mais interessado nas questões que envolvem o uso efetivo dessa “língua”, com seus sujeitos, contextos, nuances, possibilidades e sentidos. Aproxima-se, portanto, daquilo que Saussure vai definir como “linguagem”.

mas o percurso, com suas estradas, desvios e caminhos, com a beleza de suas descobertas e impressões.

Justamente por ser uma tarefa empreendida por um sujeito analisante, todas as descobertas desse caminho serão feitas a partir, necessariamente, de suas próprias observações. É a descoberta de um “*território-lugar-do-meu-pensamento*” (Ibid, p. 16), local específico de apenas um observador. De qualquer forma, o local desse “único observador” é um ponto de encontro, é uma fala que “*define-se em relação a outras teorias, a outras falas*” (Ibid, p. 15), num processo totalmente dentro daquela perspectiva dita por Bakhtin como sendo a do dialogismo da língua (Dominguez, 2013; Bakhtin, 2011). Segundo o Dicionário de Análise do Discurso, o dialogismo pode ser definido como

conceito emprestado, pela Análise do discurso, do Círculo de Bakhtin e que se refere às relações que todo enunciado mantém com os enunciados produzidos anteriormente, bem como com os enunciados futuros que poderão os destinatários produzirem (Charaudeau e Maingueneau, 2016, p. 160)

Em outra obra, Maingueneau ainda vai dizer que (2002, p.53-54):

A atividade verbal é, na realidade, uma *inter-atividade* entre dois parceiros, cuja marca nos enunciados encontra-se (...) na troca verbal. (...). Toda enunciação (...) é, de fato, marcada por uma interatividade constitutiva (fala-se também de *dialogismo*). É uma troca explícita ou implícita com outros enunciadore

Por sua vez, dirá ainda Barros (2003, p. 2-3) que:

O dialogismo decorre da interação verbal que se estabelece entre o enunciatário e o enunciatário, no espaço do texto [...] Para o autor só se pode entender o dialogismo interacional pelo deslocamento do conceito de sujeito. O sujeito perde o papel de centro e é substituído por diferentes (ainda que duas) vozes sociais, que fazem dele um sujeito histórico e ideológico.

Portanto, há tantos caminhos possíveis, territórios, descobertas e locais, quanto há sujeitos, exploradores e linguistas. No fim, trabalhar no “*território da linguagem*” é um “*conjunto de combinações muito mais complexas*” (CHARAUDEAU, 2008, p. 17) do que a simples aparência pode dizer.

Se, por um lado, o papel do linguista diante da linguagem é complexo, por outro, ele nada mais é do que o reflexo da própria complexidade da linguagem, entendida como uma “entidade”, algo “vivo”, “dinâmico”. Produzida em um exato contexto sócio-histórico, a partir das observações próprias e particulares de um determinado falante – um enunciatário⁴ –, ela ainda é o resultado de

⁴ “Existe efetivamente um certo número de estatutos ligados a essa subjetividade: sujeito produtor efetivo do enunciado, sujeito organizador do dizer, sujeito responsável pelo ato de fala, sujeito fonte do ponto de vista, sujeito ponto de origem das ancoragens dêiticas, sujeito oposto a um outro sujeito na alteridade fundadora da troca linguística...” (Charaudeau e Maingueneau, 2016, p. 197)

uma série de eventos históricos e coletivos. Tal fato confere à linguagem uma característica de alta complexidade: ser, simultaneamente, individual e coletiva, resultado das escolhas particulares de um falante e dos sentidos coletivos de uma determinada sociedade⁵.

Charaudeau apresenta essa questão demonstrando como “*o ato de linguagem não pode ser concebido de outra forma a não ser como um conjunto de atos significadores que falam o mundo através das condições e da própria instância de sua transmissão*” (Charaudeau, 2008, p. 20). Ou seja: é coletivo, porque depende das “condições” de produção; é individual, porque está condicionado a uma “própria instância de transmissão”. Ainda segundo Barros (2003, p. 4), há de se considerar que é, ainda, ponto de encontro do intercruzamento cultural de vozes de linguagem diferentes socialmente entre si.

Enfim, é uma soma de “*relações de intercompreensão*” (Charaudeau, 2008, p. 20), uma dialética que faz do ato linguageiro um objeto que “*só se constitui em uma intertextualidade*” (Ibid, p. 21). É, por excelência, semiótico; eis o campo semiolinguístico pelo qual o autor transita e o seu projeto, empenhado em responder “*às questões fundamentais que sustentam toda teoria da significação*” (Ibid, p. 21):

Se, como vimos, o ato linguageiro é simultaneamente individual e coletivo, convém afirmar então que sobre ele recai uma “*expectativa múltipla*” (p. 23). Ora, considerando as instâncias de produção do discurso, as especificidades sócio-históricas de cada época/sociedade e, principalmente, as experiências e vicissitudes de cada enunciador, então é possível identificar que o ato linguageiro tem, de fato, múltiplas formas de ser produzido/entendido.

Isso porque

A finalidade do ato de linguagem (tanto para o sujeito enunciador quanto para o sujeito interpretante) não deve ser buscada apenas em sua configuração verbal, mas, no jogo que um dado sujeito vai estabelecer entre esta e seu sentido implícito. Tal jogo depende da relação dos protagonistas entre si e da relação dos mesmos com as circunstâncias de discurso que os reúnem.

Assim, a expectativa é múltipla, justamente porque esse jogo de relações é aberto, variável. (Charaudeau, 2008, p. 24)

Ou seja, em outras palavras: entre o que é produzido e o que é interpretado, há uma infinidade de elementos, variáveis, considerações e matizes, de forma a tornar o ato linguageiro, de fato, múltiplo de significações e possibilidades. Segundo Barros (2003, p. 5-6),

⁵ Aqui reside uma aproximação da Semiologia com outras “teorias do discurso”, como a Análise do Discurso ou a Análise Crítica do Discurso. Com as devidas proporções, é possível aproximar tal percepção da linguagem ainda de outros domínios da Linguística, como a Semiótica ou mesmo a Sociolinguística. De fato, há muitos domínios linguísticos que associam a linguagem ao seu entorno.

emprega-se o termo polifonia para caracterizar um certo tipo de texto, aquele em que se deixam entrever muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que escondem os diálogos que os constituem. [...] Os textos são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais; podem, no entanto, produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, ou de monofonia, quando o diálogo é mascarado e uma voz, apenas, faz-se ouvir

Feita a discussão acerca de uma necessária conceituação da linguagem, podemos passar a uma outra discussão acerca da dupla dimensão da linguagem dentro do território da linguagem.

3 A dupla dimensão da linguagem

Eis a dupla dimensão de que Charaudeau fala: ao mesmo tempo em que há algo explícito na linguagem – ou seja, algo marcado pela expressão verbal, pelas palavras e seus sentidos coletivos –, há também algo implícito na linguagem⁶ – dependente, reflexo direto das escolhas de um sujeito enunciatador, considerando-se ainda as instâncias de produção e o *ethos*⁷ desse mesmo sujeito. Fiorin (2002, p. 181) dirá que

Os conteúdos transmitidos pelos atos de fala podem ser explícitos e implícitos. Estes são inferências e dividem-se em pressupostos e subentendidos. Para que alguém perceba os conteúdos implícitos, eles precisam estar marcados, seja no enunciado, seja na situação de comunicação

Assim, explícito e implícito atuam simultaneamente, indissociáveis entre si, para a construção do ato languageiro. Vejamos um exemplo. Imaginemos uma situação em que um estrangeiro, vindo ao Rio de Janeiro pelas Olimpíadas, comente com algum amigo brasileiro que participará de alguma atividade dos Jogos. Ao dizer que está em um hotel na Zona Oeste e precisa chegar ao Maracanã para uma partida, recebe como resposta do brasileiro a seguinte frase:

“Olha, acho que é melhor você sair beeeem cedo, hein?”

Se considerarmos apenas a dimensão explícita da linguagem, teremos um discurso que indique a POSSIBILIDADE de o estrangeiro sair cedo, expressa pelo uso do verbo “achar”. O estrangeiro, entendedor da noção de possibilidade, pode acatar ou não o, por assim dizer, conselho

⁶ No Dicionário de Análise do Discurso (Charaudeau e Maingueneau, 2016, p. 270), ao verbete “implícito”, são explicados alguns contextos possíveis em que, por exemplo, a expressão “faz calor” pode significar um vasto número de alternativas que não apenas aquela textualmente marcada em um sentido “dicionarizado”: um pedido para abrir uma janela, um pedido para ligar um aparelho de ar-condicionado, um convite a sair do sol e muitos outros. Tais fatos, dentro de uma dimensão comunicativa, dependerão de maneira fundamental do contexto e das trocas possíveis entre os participantes daquele ato comunicativo.

⁷ Não aprofundaremos a noção de *ethos*, por não ser o objetivo do texto. Indicamos para tanto a leitura de Amossy (2008).

recebido. Faltarão, entretanto, um elemento fundamental para que o sentido da afirmação seja entendido: aquilo que está implícito na linguagem, o que não foi dito – sendo dito.

Por outro lado, quando consideramos a dimensão implícita da linguagem, teremos um discurso que não indica uma POSSIBILIDADE, mas sim uma AFIRMAÇÃO ENFÁTICA. O brasileiro, morador do Rio de Janeiro e conhecedor do trânsito da cidade, da dificuldade do transporte e da ineficiência da organização de grandes eventos, faz um alerta claro: “ou você se antecipa bastante, ou os problemas vão fazer com que você se atrase”. De uma possibilidade de algo acontecer, passamos a uma certeza, a uma afirmação. Apenas quando entendemos, simultaneamente, as dimensões explícitas e implícitas da linguagem é que podemos entender o ato linguístico em sua dupla dimensão e compreender enunciados como o do exemplo.

De certa forma, será a dimensão implícita da linguagem a responsável por sua significação de maneira completa. “*Ora, na medida em que o conhecimento das circunstâncias discursivas nos permitisse, poderíamos construir frases elucidantes (...) que evidenciam o sentido implícito (variável de acordo com as circunstâncias discursivas)*” (Charaudeau, 2008, p. 25).

Assim, seria sempre possível remeter o significado a algo que não se restringe apenas ao “conjunto de palavras”⁸ da expressão verbal, a sua dimensão explícita pura e simplesmente. Com isso, a própria produção do discurso seria a responsável por seu sentido, o que nos indica ainda que não há algo “anterior” à linguagem, “imutável”, com seu sentido já definido; há, sim, sentidos que são construídos, individual e coletivamente, na instância de produção do discurso⁹.

Assim, é possível

que se efetue, na linguagem, um jogo de remissões constantes a alguma coisa além do enunciado explícito, que se encontra antes e depois do ato de proferição da fala. É um jogo construtor da significação de uma totalidade discursiva que remete a linguagem a si mesma como condição de realização dos signos, de forma que estes não signifiquem mais por si mesmos, mas por essa totalidade discursiva que os ultrapassa” (*Ibid*, p. 25)

À totalidade discursiva que ultrapassa o signo, o autor francês dará o nome de “significação”.

⁸ De fato, o que é esse “conjunto de palavras” se não um complexo emaranhado de significados contextuais?

⁹ Evidentemente, os signos possuem as suas “formas padrão de significação”, coletivamente aceitas. Entretanto, não nos referimos ao conceito convencional de uma palavra, mas àquilo que ela pode assumir. Logo, mesmo que “cadeira” seja, convencionalmente, um “objeto para se sentar”, é possível termos, a título de exemplo “esquentar a cadeira”, “cadeira universitária” e “cadeira livre” como ocorrências de significação diferente. Será a essa “possibilidade” de a dimensão implícita superar a explícita que nos referiremos.

Isto nos leva a pensar que não se pode determinar de forma apriorística o paradigma de um signo, já que é o ato de linguagem, em sua totalidade discursiva, que o constitui a cada momento de forma específica. Em outras palavras, longe de conceber que o sentido se constituiria primeiro de forma explícita em uma atividade estrutural e, em seguida, seria portador de um implícito suplementar no momento de seu emprego, dizemos que é o sentido implícito que comanda o sentido explícito para construir a significação de uma totalidade discursiva. (*Ibid*, p. 26)

Portanto, reafirmamos: a significação não depende exclusivamente da materialidade linguística enquanto vocábulos ou expressões, mas da própria circunstância de discurso que a produz, estando o explícito da linguagem condicionado ao implícito da produção do enunciador¹⁰; os dois, entretanto, atuando simultaneamente para a construção da significação. Talvez seja aqui que resida a maior contribuição de Charaudeau aos estudos sobre a linguagem.

4 A dimensão da linguagem em Maingueneau

Ao mesmo tempo, em outro domínio “discursivo” da linguagem, Maingueneau (2004), dentro da perspectiva da Análise do Discurso (AD) de linha francesa adota uma visão discursiva e enunciativa da linguagem. Também para o autor existe o entendimento de que o discurso não representa sentidos prontos e estanques, mas que esses sentidos são construídos na própria enunciação, no momento em que a linguagem se manifesta, mobilizando os seus participantes.

Com base em Maingueneau assumimos, portanto, que toda a linguagem tem seus sentidos construídos na própria cena enunciativa (e não previamente) pelos seus participantes: o enunciador – aquele que enuncia – e um seu “outro”, o coenunciador – aquele que estabelece uma ação de diálogo com o enunciador. O autor fala ainda de haver uma “negociação” para a construção do sentido.

Se para Charaudeau teremos os sujeitos comunicantes e interpretantes, em Maingueneau teremos novamente dois sujeitos que atuarão, juntos, para a construção da significação. Assim, não falamos em um “emissor” e em um “receptor”, mas falamos em alguém que enuncia e uma outra pessoa que “enuncia junto”, sendo um coenunciador. Para Maingueneau, os sentidos são igualmente construídos pelo coenunciador, de forma a também ele assumir um certo papel de “protagonista” da enunciação¹¹

Portanto, em tal visão, a linguagem é dialógica (recuperando um conceito de Bakhtin), sendo o resultado da interação entre sujeitos – reais ou imaginados, presentes ou ausentes na enunciação. A característica dialógica da linguagem favorece a modificação do paradigma de que

¹⁰ Levando-se em conta ainda o sujeito interpretante, o *ethos* do enunciador e as condições em que o discurso é realizado.

¹¹ De certa forma, aquilo que Charaudeau define como “ato linguageiro” é o mesmo que Maingueneau define como “enunciação”: uma instância de produção de um discurso, realizada entre sujeitos.

quem fala “transmite” uma mensagem que será recebida por alguém. A noção da existência de um coenunciador, um “segundo eu”, que junto enuncia e constrói os sentidos, não apenas os adotando e aceitando, mas interferindo neles, é uma contribuição significativa de Maingueneau.

Existe, portanto, uma visão dialógica da língua que nos indica que os sentidos são construídos em conjunto, a partir da própria interação entre os indivíduos. As “vozes” de cada um dos participantes do discurso se inter-relacionam e interpenetram, de forma a estabelecer entre si um elo, uma ligação, que as torna, em última instância, uma fala “única”. É, pois, individual e coletiva: individual na medida em que expressa as intenções, sentidos e subjetividades do enunciador; coletiva na medida em que resulta da inter-relação entre os sujeitos de fala – sem desconsiderar os sentidos coletivizados para os signos. Desse modo, “o que está colocado na passagem supracitada é a necessidade de se reconhecer a enunciação como um processo não só individual ou intencional, mas sim a partir de todo o processo social e histórico no qual se insere” (Dominguez, 2013, p. 13).

Para a AD francesa, é exatamente a partir da inter-relação que se cria entre as vozes dos sujeitos – ou seja, nas relações dialógicas – que se estabelece o sentido. Repetimos: ele não é anterior, não é prévio e não é unilateral.

Assim, dentro de uma cena enunciativa – de um momento de enunciação –, isto é, dentro de um “espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido” (Maingueneau, 2004, p. 87) é que a linguagem vai se materializar. É, por assim dizer, o local da construção dos sentidos.

Existiria, portanto, uma delimitação para a linguagem dentro da perspectiva de Maingueneau? Dirá o autor que

na verdade o discurso tem espaços delimitados, mas tem também, digamos, fórmulas, frases, textos que circulam e que são apropriados por diversos atores, mas que não têm uma significação estável, porque a circulação faz com que o sentido seja sempre construído, e na verdade a cultura, a ideologia, o contexto social são baseados sobre o uso de textos, de fórmulas, de frases que circulam e que são apropriados de modos totalmente diversos por pessoas que acreditam que falam da mesma coisa (Maingueneau, 2009 apud Mussalim, 2009, p. 1)

Para o autor, pelo exposto, seria possível delimitar os espaços do discurso. Assim, delimitamos os contextos, os grupos sociais, os sujeitos que (co)enunciam e os fatores do “entorno” da linguagem, por exemplo. Mas o discurso, efetivamente, não pode ser delimitado, uma vez que ele está em constante “estado de construção”, “porque a circulação faz com que o sentido seja sempre construído” (*Ibid*, p. 1).

Em outras palavras, não poderia haver uma “delimitação” para a linguagem, uma vez que o próprio fato de ela ser produzida já implica em novos (co)enunciadores, um novo contexto, uma

nova cena comunicativa e um evento comunicativo novo. Por “natureza”, a linguagem é sempre nova, sempre atual.

5 Considerações finais

Como vimos, tanto para Charaudeau quanto para Maingueneau, a linguagem não é um ente que possa ser “delimitado” e, menos ainda, “limitado”. Indo por um caminho do completo oposto, a linguagem seria uma ação sempre atual, específica, própria e adaptada ao seu contexto social e histórico de produção. Não pode ser vista como um objeto imóvel, estático e “já dado”, devendo ser sempre pensada na dinamicidade, no moto-contínuo. Mais do que um objeto, seria, assim, um processo. Maingueneau vai dizer ainda que o discurso em si não seria nem exatamente uma “coisa”, mas um “modo de apreender tal coisa”. O discurso não seria, nessa perspectiva, a própria linguagem em si, mas uma maneira de apreender – para que possa então ser visualizada e analisada – a linguagem.

Convém observar que os dois domínios linguísticos analisados acima emergem a partir de um mesmo contexto: os pressupostos iniciados por Michel Pêcheux na década de sessenta do século passado.

À época, os estudos estruturalistas – o estudo da “língua” preconizada por Saussure – dominavam a Linguística. De caráter predominantemente estático, considerando apenas os aspectos do sistema estrutural da linguagem e deixando a parte das investigações os aspectos que a constituem, mas que não estão em sua estrutura¹², os estudos que eram realizados não possuíam a capacidade de responder aos questionamentos que se faziam a respeito do uso da língua.

Ademais, é necessário considerar ainda o ambiente histórico e social em que os estudos discursivos emergem na França: instabilidade política, luta por direitos sociais e necessidade de entender como o “exterior” impactava no “interior” da linguagem. Some-se a isso o surgimento, fortalecimento e diálogo de/com outros domínios científicos – como a psicologia, psicanálise, filosofia e psicolinguística, para citar alguns – e o contexto de emergência dos estudos do discurso está posto.

Ao mesmo tempo, os estudos discursivos estavam interessados – por reflexo de seu tempo – nos diferentes discursos que circulavam na sociedade: a política, a religião, os discursos de grupos e minorias ou as falas que carregavam pressupostos implícitos: dentre outras, todas manifestações da linguagem que não podiam ser explicadas e analisadas apenas sob o prisma do sistema estrutural da língua.

¹² Como o seu contexto, intencionalidade, sentidos, persuasão, *ethos* dos sujeitos e outros conceitos dos estudos discursivos.

Quando compreendemos o contexto em que os estudos discursivos surgem, compreendemos, por exemplo, a ênfase que eles dão aos elementos exteriores da linguagem e aos sujeitos que participam da linguagem. Quando compreendemos, por assim dizer, as “limitações” dos estudos estruturais para a explicação dos fenômenos linguísticos, compreendemos a necessidade de criação de um novo modelo epistemológico que seja capaz de oferecer respostas – e mais perguntas – aos questionamentos dos linguistas.

Referências

- AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Editora Contexto, 2008
- BARONAS, Roberto Leiser. Percursos históricos dos estudos discursivos no Brasil: uma leitura discursiva. In: V *Colóquio da Associação Latino-americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil*, 2014, São Carlos - SP. Trabalhos completos ALED-Brasil, 2014. v. 01. p. 01-15
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade em Torno de Bakhtin/Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso – modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2016
- DOMINGUEZ, M. G. A. Do sistema à ação, do homogêneo ao heterogêneo: movimentos fundantes dos conceitos de dialogismo, polifonia e interdiscurso. *Bakhtiniana - Revista De Estudos Do Discurso*, v. 1, 2013. p. 5-20 – Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/j7Sr9NyFfWY97NSGs4wSNpJ/?lang=pt> – Acesso em abril de 2024
- FIORIN, José Luiz. Linguagem em uso. In: FIORIN, José Luiz. *Introdução à linguística*. São Paulo: Contexto, 2002
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- MUSSALIM, Fernanda. Entrevista com D. Maingueneau. *Revista Linguagem*, n. 10, 2009. Disponível em http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao10/entrevista_Maingueneau.php - Acesso em abril de 2024